

LITERATURA E COMUNICAÇÃO NO CICLO CANUDIANO

Licia Soares de SOUZA
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

RESUMO

Este ensaio identifica elementos fundamentais para a compreensão das relações literatura e comunicação no ciclo de romances canudianos. Os Sertões origina um ciclo de romance que acompanha a História contemporânea, durante os cem anos em que tem se firmado como obra pilar da cultura brasileira. Dessa forma, o obra de Euclides da Cunha discute sobre o exercício do jornalismo como formador de opiniões e estabelece áreas de cultura e arte essenciais para o entendimento da nação brasileira.

Palavras-chave: *Jornalismo. Arte sertaneja. Canudos. Os Sertões.*

ABSTRACT

This work identifies basic elements for the understanding of the relationship between literature and communication in the Canudos novel cycle. Os Sertões starts a novel cycle which follows contemporary history, during the hundred years it has been established as a monument in Brazilian culture. Thus, Euclides da Cunha's work presents the role of journalism as a maker of opinions and establishes areas of culture and art that are essential to the understanding of the Brazilian nation.

Key-words: *Jornalism. The Art of the "sertões". Os Sertões.*

RESUME

Cet essai identifie des éléments fondamentaux pour la compréhension des relations littérature et communication dans le cycle de romans relatifs à la guerre de Canudos. Os sertões (Hautes Terres) donne naissance à un cycle de roman qui accompagne l'histoire contemporaine, pendant cent ans où cette œuvre est devenue un pilier de la culture brésilienne. L'ouvrage d'Euclides da Cunha discute de la sorte l'exercice du journalisme comme formateur d'opinions et établit des régions de culture et d'art essentielles pour la compréhension de la nation brésilienne.

Mots clefs: *Journalisme. Art des sertões. Canudos. Os sertões (Hautes Terres).*

No artigo *A influência centenária de uma fundação: Os sertões como a grande narrativa histórica do Brasil* (2004), mostramos como a obra de Euclides da Cunha origina um ciclo de romance que acompanha a História contemporânea, durante os cem anos em que tem se firmado como obra pilar da cultura brasileira. *Os sertões* é assim uma obra de *fundação* (Verón, 1980) que representa, acima de tudo, um processo textual acionado por determinadas condições de produção que vão se ajustar, em níveis diferenciados, a suas condições de reconhecimento ou de recepção.

Se insistimos em caracterizar a obra centenária como *fundação* foi no sentido de mostrar a inscrição de uma determinada obra na História e de caracterizar, em particular, o processo que indica o engajamento relacional da escritura euclidiana com o fato extratextual da guerra de Canudos. Antonio Conselheiro, os conselheiristas, jagunços e sertanejos, assim como os militares que projetaram planos de via férrea e de telecomunicações formam uma rede de protagonistas que passou a povoar o imaginário nacional, seja como figuras de resistência ao poder articulado, seja como figuras modelares da engenharia moderna institucionalmente legitimada. Esse combate de figuras narrativas, extraídas de um fenômeno extratextual, mas que passou a ter função simbólica, demonstra a dinâmica da fundação. Ela não possui unidades fixas, de acontecimento, de ato ou de lugar, representando, acima de tudo, um processo textual dinâmico.

Uma poética histórica, no ciclo canudiano, permite a geração de textos meio fictícios, meio reais, o que significa exatamente a construção de mundos possíveis, a partir do fenômeno extratextual. A poética histórica autoriza esse

ser textual híbrido, uma herança euclidiana, sem sombra de dúvida. É certo que a primeira fundação é marcada por uma cronotopidade universal, pois já foi traduzida em muitos países, tendo inspirado interesse em vários pesquisadores de inúmeras universidades estrangeiras. Berthold Zilly (1996) inclusive afirmou que Canudos é um fato de interesse da humanidade, que se repete no Chiapas, Tchecônia, Iugoslávia, etc.

E exatamente o que não deixamos de perceber é que ao cronotopo¹ propriamente histórico – o conflito – se associam cronotopos estéticos. Um deles, que qualificamos, no artigo pré-citado (Souza, 2004), como o cronotopo do risco, está presente nas três obras analisadas de Mário Vargas Llosa, J.J. Veiga e Júlio Chiavenato. É a problematização da atividade do homem-palavra, o jornalista, o comunicador, que constrói imagens e enunciados, aptos a desencadear processos distintos de simetria e assimetria relacionais.

Toda essa cronotopidade estética testemunha o vigor da obra de Euclides, nesses cem anos. Ela mostra como se pode construir uma teoria da comunicação, com bases nacionais, ancorada no percurso histórico. Nesse âmbito, passamos, no presente trabalho, a continuar a identificar a materialização dos personagens comunicadores em duas obras dos anos 2000: *A 5ª Expedição* de Oleone Fontes e *O veredicto de Canudos* do autor húngaro Sándor Márai.

A HERANÇA EUCLIDIANA

Antes de abordarmos as duas obras citadas, cumpre-nos apresentar alguns itens que comprovam a influência da obra euclidiana nos textos contemporâneos:

Os sertões constitui uma verdadeira constelação de símbolos relacionados ao modo de vida de um *lugar simbólico*, que consolidam, nesse círculo romanesco histórico, quatro grandes arquimitos da formação da civilização americana: civilização / barbárie, utopias milenaristas, introspecção / transbordamento, recomeço civilisatório, tais quais os delineados pelo historiador canadense Gerard Bouchard (2004), em torno dos quais se estruturam quatro eixos fundamentais da simbologia sertaneja.

1. O eixo do código das ações que congrega a simbologia do conflito propriamente dito com o enfrentamento dos guerreiros das caatingas e o exército. Ele autoriza o processo intertextual em torno do romance da *chouannerie*, como o desenvolvido por Victor Hugo, Balzac, e Barbey

d'Aurevilly. Ele atualiza as figuras da astúcia e da mestiçagem, à medida que são postos em cena guerreiros mestiços, tanto do lado rebelde como do lado oficial, e quilombolas, pois Canudos é considerado o último dos Quilombos. Esse eixo se inscreve no arquimito civilização / barbárie no qual são descritas as ações supostamente heróicas dos militares Moreira César, Tamarindo, Siqueira de Meneses, etc.

2. O eixo da simbologia messiânica em torno da ação de vários profetas peregrinos através de todo o país, como assim o registra Cunha, abre um leque diversificado de constelações sígnicas se ligando ao arquimito das utopias milenaristas. O profeta Conselheiro é intimamente associado à retomada e reciclagem do sebastianismo e constitui um princípio organizador do poder do bastardismo, reunindo os excluídos do sistema político-social, do exílio, da errância e da travessia, promovendo o deslocamento desses bastardos até descobrir o ponto certo para a construção de uma nova sociedade, e essencialmente do entre-lugar, pois o profeta guerreiro funciona como um visionário da vida na terra e do além-terra, o que justifica a resistência dos matutos sertanejos.

3. O eixo da simbologia da comunicação. Todo o ciclo romanesco canudiano põe em cena os personagens jornalistas, repórteres e fotógrafos, os chamados homens-palavra. Alguns escritores elegem o próprio Euclides da Cunha como personagem e fazem referência à obra dita vingadora. *Os sertões* inaugura um importante diálogo interdiscursivo entre a literatura e os meios de comunicação, testemunhando a modernidade desse ciclo romanesco. Euclides registrou não apenas o avanço das redes de comunicação no país, mas igualmente a vanguarda dos meios de locomoção, em que o trem figurava como o modelo de renovação democrática dos transportes. Tem-se aqui o arquimito da introspecção / transbordamento, em que o sertão, divorciado do país e do mundo, é revelado na simbologia comunicativa.

4. O eixo da simbologia relacionada à arte popular do sertão que começa a ser revelada por Euclides da Cunha. Danças, estilos de vida, culinária, superstições, religião, formam uma constelação simbólica de cultura mestiça como os próprios sertanejos, de acordo com o que exprime o autor de *Os sertões*. A figura da memória vinculada à mestiçagem e ao sincretismo autoriza a descoberta da cultura sertaneja o que vem florescer ainda mais os argumentos da introspecção / transbordamento e ativar os argumentos do recomeço civilizador, à medida que o Brasil profundo, das rochas vivas de uma nacionalidade, passa ao primeiro plano da arte do século XX.

O CÓDIGO DAS AÇÕES: ROMANCES DA *CHOUANNERIE*

A 3ª parte de *Os sertões*², *A Luta*, é uma narrativa épica que se abre com o signo do jagunço saqueador, apresentado num perfil positivo, revelando o elemento humano habilitado historicamente para integrar o território nacional. É ele quem desenvolve uma espécie de cumplicidade com a terra, mesmo desprovida, que o entende e o aprecia na sua vida de combates. De saqueador, ele se transforma em guerrilheiro, e o signo *terra*, de mãe alimentadora, se desdobra em *caatinga*, em seguida em *natureza*, enquanto protagonista adjuvante, também guerreira, na defesa de seus filhos. O território nacional é assim conquistado por esses que a natureza reconhece como seus verdadeiros companheiros e filhos, a qual ela dá força e poder, como na relação mítica de Gaïa e Anteu:

E o jagunço fez-se o guerrilheiro-tugue, intangível...

As caatingas não o escondem apenas, amparam-no (Cunha, *ibid.*, 217)

(...) Todas aquelas árvores são para ele velhas companheiras. Conhece-as todas. Nasceram juntos; cresceram irmãmente (...). A natureza toda protege o sertanejo. Talha-o como Anteu, indomável. É um titã bronzado fazendo vacilar a marcha dos exércitos (...) (Cunha, *ibid.*, 221)

Tem-se aqui o esquema mítico da *chouannerie*³ apresentando o reino do zig-zag, dos caminhos em torcicolos, das emboscadas, da convivência fenomenal com uma vegetação rude que permite a vitória desses *bronzados* diante de três expedições militares e que desconstrói qualquer guerra organizada. Jean Chouan é caracterizado muitas vezes como Proteu, o sertanejo aqui torna-se Anteu ou Titã.

Malgrado os defeitos do confronto, Canudos era a Nossa Vendéia. O chouan e as charnecas emparelham-se bem com o jagunço e as caatingas. O mesmo misticismo, gênese da mesma aspiração política; as mesmas ousadias servidas pelas mesmas astúcias, e a mesma natureza adversa, permitindo que se lembrasse aquele lendário recanto da Bretanha (...) (Cunha, *ibid.*, 222).

A despeito das ordens do dia em que se cantava vitória, os sertanejos apareciam como os chouans depois de Fontenay. (Cunha, *ibid.*, 403).

Citavam-se nomes de novos cabecilhas. Apelidos funambulescos, como os dos chouans: Pedro, o invisível, José Gamo, Caco de Ouro; e outros. (Cunha, *ibid.*, 417)

Euclides da Cunha inscreve o ciclo canudense no romance da *chouannerie* e estabelece um cronotopo estético, no sentido de vincular as

narrativas relativas à guerra sertaneja em uma mitologia literária de natureza universal que foi inspirada pela Revolução francesa. As caatingas passam a ter estatuto de *lugar simbólico* tanto quanto a Vendéia, e os sertanejos são investidos da natureza heróica dos *chouans*. Mas as suspeitas de que os *tabaréus turbulentos* recebiam ajuda financeira de organismos monarquistas internacionais passam a ser totalmente negadas ou questionadas, no ciclo literário, à medida que a trama evolui, promovendo os famosos oxímoros da campanha de Canudos:

“Atribuir a uma conjuração política qualquer a crise sertaneja, exprimia palmar insciência das condições naturais da nossa raça.” (Cunha, *ibid.*, 309)

“Tenho me perguntado onde estão as armas e munições para aqui enviadas pelos monarquistas de dentro e fora do país, a respeito das quais tanto se tem ocupado a imprensa. Li, por exemplo, que fundeara na barra do São Francisco vaso de guerra europeu do qual desembarcou grande número de estrangeiros carregando petrechos bélicos para Canudos. Li também que vultosa cópia de armamentos fora descoberta no porto da Bahia, contrabandeada dentro de fardas de alfafa. Raro o dia em que não se toma conhecimento, através dos jornais ou de boatos espalhados pelos florianistas, mestres ambos em forjar crises, da descoberta de nova partida de armamentos bélicos destinada à nação conselheirista, como a que teria chegado pelo porto de Recife, embarcada em Liverpool.(...)”

Não. Canudos não tem qualquer espécie de articulação com trama que vise trazer de volta a família real, e muito menos conselheiros militares.

Ensaio preparado para Le Peuple Souverain.

Traduzido do inglês por Fernando da Matta Machado.“ (Fontes, 2002, 226/7).

Na obra *A 5ª Expedição*, o autor de tais reflexões é o professor Beebee de literatura comparada da Universidade da Pensilvânia, que envereda pelos sertões em busca de matéria para defender tese de doutorado sobre comunidades milenaristas. O professor Beebee é convidado a escrever sobre o conflito sertanejo para o jornal *Le peuple souverain*, editado em Québec e com circulação no Canadá e em vários países. Ele encontra em Salvador o poeta Pethion de Villar, membro-correspondente da Academia Francesa de Letras e que mantém correspondência regular com Paul Valéry, Appolinaire, Verlaine, Flaubert, na França, e com Herculano, Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz em Portugal. Pethion é destinado a explicar a Beebee como os jornalistas estão formando a opinião nacional sobre o conflito, de acordo

com o ponto de vista dos jacobinos, isto é, os florianistas exasperados que defendiam a derrocada do poder civil e a volta de um novo marechal-de-ferro

Escrevendo um de seus artigos para o jornal canadense, Beebee discorre sobre as suspeitas monarquistas que estruturam o caminho narrativo da guerra a partir do qual são articulados os movimentos das tropas, com recuos, avanços, retiradas, debandadas, o que ordena o código das ações. O professor americano retoma a rede argumentativa, já dinamizada por Cunha, relativa ao erro histórico que a nação está prestes a cometer para com a *nação conselheirista*, ativando assim o arquimito civilização/ barbárie. E Beebee continua: “Canudos é um exemplar modelo de organização social e econômica, que surpreende pela capacidade de prover a subsistência de população que cresce em desacordo com as mais otimistas perspectivas.” (Fontes, *ibid.*, 229). Encontra-se aqui uma relação intertextual de similaridade com a ação jornalística do Galileu Gall de Vargas Llosa, em *La guerra del fin del mundo*, em que um homem-palavra envia artigos para um periódico de Lyon, na França, *L'étincelle de la Revolte*, mostrando o sertão como um local de construção da solidariedade entre os desvalidos, de esforço de eliminação da exploração do homem pelo homem e da luta de classes. Galileu Gall declara para a Europa que Canudos é a concretização das idéias de colaboração e de troca, e de construção de uma sociedade de bens comuns, defendida pelos socialistas utópicos europeus.

O reconhecimento de Canudos exemplifica teorias socialistas européias, legitimado por esses jornalistas estrangeiros, objetiva o arquimito da civilização / barbárie, mas com a subversão dos argumentos que focalizavam os sertanejos como os inimigos da civilização, e da República, o que significa mais um acordo com a herança euclidiana. Esta que havia estipulado, após a derrota de Moreira César, que os sertanejos eram mais lógicos do que os ditos civilizados, pois estavam apenas defendendo um “lar invadido”, expunha uma iconografia da violência relativa à degola praticada pelos federais, representantes da República, como bem o indicou M. Gárate (2001).

Nesse âmbito, a inscrição do ciclo canudiano nos romances da *chouannerie*, sobretudo pelos argumentos de convivência do homem sertanejo com sua terra, sua caatinga, que se torna um “inimigo invisível” para os federais, como a caracteriza o húngaro Márai, conduz a uma projeção universal do drama de Canudos,

Mas essa projeção se torna ainda mais intensa com a ação, que vamos desenvolver mais adiante, dos jornalistas que reconhecem na organização do arraial a ilustração de teses políticas européias. É também interessante notar a intervenção do poeta Villar que, como correspondente de

tantos nomes literários, é imbuído de um poder de análise da situação política do país em relação à ação dos floridianistas. É que Beebee vai descobrir mais adiante, que o jornalismo era um exercício mal conduzido, e que quase todos os formadores de opinião diziam e escreviam o que não sentiam.

A SIMBOLOGIA MESSIÂNICA

Neste segundo eixo de análise, o sertão, como *lugar simbólico*, representa o entre-lugar entre o passado e o presente, entre o nacional e o universal. O sertão é medieval, pois foi colonizado pelos portugueses que trouxeram o catolicismo popular, leigo e rústico, em oposição ao catolicismo oficial, reformulado pelo Concílio de Trento, amplamente aprovado pelos senhores de engenho.

As tradições portuguesas na religiosidade rústica, tanto nas crenças quanto nos ritos da fé, são indissimuláveis, e o culto aos santos, seres humanizados, é herança da Idade Média. (Fontes, *ibid.*, 303/4).

As romarias, procissões, novenas, festas, danças mostram um relacionamento íntimo com um santo que foi alguém que levou uma vida digna na terra e pôde se qualificar para interceder junto a Deus pelos mortais. Esses santos *habitam altares, oratórios, nichos, mesas de sala, alcovas, levam vida errante.* (Fontes, *ibid.*, 304). No ciclo canadense, são citados o padre Cícero, os profetas e peregrinos José Guedes e João Brandão, o monge do Paraná, e o monge José Maria d'Agostini no sertão do Contestado.

O sertão materializa igualmente a antiguidade universal presente na Bíblia:

O sertão é uma Bíblia escancarada. Em lugar de teorias, exemplos. No dia a dia daqui experimenta-se e se vivencia o que apóstolos e evangelistas difundiram por intermédio das Escrituras Sagradas, no Velho e Novo Testamento. (Fontes, *ibid.*, 152).

Visões apocalípticas e profecias unem Antiguidade e o mundo sagrado da Idade Média em um tipo de cristianismo comunitário, com seus beatos e peregrinos que andam de túnicas reunindo multidões de excluídos.

Antonio Conselheiro não é um qualquer. É diferente de todos aqueles com os quais me tenho relacionado em quatro décadas de vida e em anos de pesquisa a respeito de sociedades milenarista, messiânica, sebastianista, fundamentalista, apocalíptica. (Fontes, *ibid.*, 228)

Quanto ao messianismo brasileiro, Beebee assim o escreve:

Os beatos, em regra, têm invocado a figura de Dom Sebastião, desaparecido em Alcácer-Quibir, na África, numa batalha contra os mouros, que teria por fim reconduzir Portugal à época das grandes conquistas. Seu cadáver não foi jamais encontrado, tornando-o um mito em seu país e no Brasil (...) Até homem do naipe de um padre Antonio Vieira protestava acreditar na ressurreição de Dom Sebastião.(...)

Publicado no Le Peuple Souverain de maio de 1897.

Traduzido do francês Por Maria José Alencar de Passos.(Fontes, ibid, 307/8)

Os textos do ciclo canudiano erguem-se efetivamente como forças agenciadoras do arquimito das utopias milenaristas que se figuram como marcas profundas da realidade sertaneja e que funcionam como instrumentos de coesão sócio-política. Mesmo o autor húngaro registra a presença da utopia: seu personagem é bibliotecário, ex-cabo do exército que relata meio século depois os acontecimentos, e que tem acesso ao caderno de anotações de Conselheiro :

Lêem-se coisas assim: “É por isso que digo que quando um povo extermina outro...Então, vindo do oceano chega D. Sebastião com todos os seus exércitos...” Outra passagem: Esta guerra vai terminar quando a espada de D. Sebastião libertar o povo do julgo da República...” (Márai, 2001, 30)

Defendendo os pressupostos do sebastinismo, como uma doutrina milenarista comunitária, aparentada às teorias socialistas européias, e capazes de apresentar resultados concretos em uma organização comunitária, os personagens de Fontes e Márai contestam os argumentos oficiais que apresentavam Canudos como um antro de fanáticos religiosos.

A SIMBOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

Já sabemos que é o interesse pela filosofia milenarista, um arquimito de força sertaneja, que traz o professor Beebee a Canudos e que o torna um exemplo fundamental do terceiro eixo simbólico, relativo ao exercício dos homens-palavra apto a abrir outro arquimito, o da introspecção / transbordamento. O interessante é que os conflitos e os modos de vida desta “nacionalidade”, insulada e divorciada da civilização, no dizer de Cunha, passa a ser objeto de jornais internacionais antes mesmo do massacre final. Beebee relata

em seus artigos sua transformação física, em contacto com o sol, já podendo ser confundido com “tapuios, mulatos e curibocas”. O sujeito inscreve-se de maneira indissociável em um processo de identificação social e de organização textual histórica. Ele insiste em enviar para o jornal os hábitos, tradições e o modelo de organização sócio-política que os conselheiristas estão propondo para se livrar de um autoritarismo político injusto. A intervenção comunicativa de Beebee dá conta de inúmeros enlaçamentos discursivos que descrevem um ideal enunciativo refletindo o próprio ato de construir a notícia e de noticiar a História. E ele escreve, para o mundo;

Pesa-me dizer aos leitores de Le Peuple Souverain que no Brasil, nesta hora, projeta-se crime hediondo contra a nacionalidade. A principal vítima é o sertanejo, que se tem defendido e continuará a defender-se de unhas e dentes, mas que terminará por entregar seu sangue às armas republicanas. E queira Deus que eu esteja enganado (...)

Mas o Brasil, se consumir tal ignomínia, terá um julgador implacável: a História.

Artigo publicado no Le Peuple Souverain, de Québec, em fins de janeiro de 1897.

*Traduzido do francês por Cláudio Veiga.
(Fontes, *ibid.*, 124)*

Com efeito, uma das maiores características da estética do ciclo canadiano é relacionar a comunicação e a guerra, fenômeno da contemporaneidade, e de discutir sobre a formação das vozes midiáticas que, praticamente, colocaram uma *nacionalidade* contra a outra, e isso é, de todas as evidências, uma das maiores colaborações de Euclides da Cunha para o conhecimento das realidades brasileiras. Na parte *Rua do Ouvidor x Caatingas*, Euclides mostra como se mistifica, se expropria e se explora a opinião de um povo para se obter um resultado que, longe de responder a interesses coletivos, satisfaz objetivos privados. Essencialmente, o escritor mostra como o transbordamento da vida sertaneja, esquecida no interior do país, poderia ter conduzido a um ensinamento fundamental da nossa história e a trocas benéficas do progresso.

Sob tal aspecto era, antes de tudo, um ensinamento e poderia ter despertado uma grande curiosidade (...) Entre nós, de um modo geral, despertou rancores. Não vimos o traço superior do acontecimento. Aquele aforamento originalíssimo do passado, patenteando todas as falhas da nossa evolução, era um belo ensejo para estudarmos-las, corrigirmos-las ou anularmos-las. Não entendemos a lição eloqüente.

Na primeira cidade da República, os patriotas satisfizeram-se com o auto da fé de alguns jornais adversos, e o governo começou a agir. Agir era isso - agremiar batalhões. (Cunha, *ibid.*, 310)

Já dissemos no artigo pré-citado (Souza, 2004) que Chiavenato, nessa base, traça igualmente o perfil de um comunicador, formador de opinião, que visa a atingir um tipo de heroísmo ditatorial, que Euclides já havia diferenciado em relação a Moreira César. Para esse comunicador, denegrir a imagem do exército era perder sua única esperança de fama e celebridade e, assim, Chiavenato continua discutindo o papel da comunicação em época de guerra, tecendo sérias críticas à intervenção da imprensa nos festejos da vitória do exército, tal qual fizera Euclides.

O autor J.J. Veiga desenvolve a simbologia da comunicação através do dispositivo maravilhoso que permite o imbricamento do cronotopo histórico (1897) com o cronotopo estético (1902) , capaz de por à luz a história social de *Os sertões*, como primeira fundação, suas condições de produção e de reconhecimento. Ele é um dos que utiliza o próprio Euclides da Cunha, como o exemplo mais significativo de homem-palavra, para dar corpo tanto aos episódios históricos na imprensa da época , como a uma obra que transcodifica tais episódios em ações literárias, capazes de extrapolar as circunstâncias espaço-temporais. Em um terceiro momento, no tempo da narração que pode ser atemporal, sem data, não necessariamente coincidente com o tempo da publicação de sua obra (1989), Veiga mostra a ação de Euclides como correspondente de guerra, se comunicando com o seu jornal, e agindo na opinião pública, como também extrapola esse momento para indicar que os fatos noticiados fazem parte do livro de 1902.

O bibliotecário de *Veredicto em Canudos*, Oliver O’Connel, filho de irlandês, entrelaça igualmente o cronotopo histórico com o cronotopo estético, mostrando que as fontes de informação do conflito tanto podem ser orais, como baseadas no “grande livro, a obra-prima clássica, *Os sertões*”. “Mas ele lamenta que muitos não conheçam a obra:

Ouvi que poucos no mundo conhecem o nome de Euclides da Cunha. É curioso, pois na estante atrás de mim, junto dos volumes sobre a história, a geografia, a sociologia, as paisagens e a hidrologia do Brasil, encontram-se numa longa fileira as edições em português e as versões estrangeiras da obra de Euclides da Cunha. Estão todas aqui, algumas dúzias de publicações. Ainda assim, não são muitos os que sabem desse livro em outras terras.

(*Márai ibid*, 11).

No entanto, Oleone Fontes, rompe a tradição do ciclo canudiano no século XX, de intertextualizar a obra de Euclides, tornando-o um personagem diegético, e faz com que o professor Beebee seja o único jornalista que vai a Canudos, os outros sendo apenas reprodutores da versão jacobina na formação da opinião.

Difícil crer que nenhum repórter da Bahia ou de outro estado tenha ido a Canudos, salvo os capuchinhos em missão política, pois inspirada não pelo Clero, mas pelo primeiro mandatário da Bahia, Manoel Joaquim Rodrigues Lima.(...)

O jornalista José Calasans, do Correio de Notícias, sergipano enraizado na Bahia, idoso e lúcido, polido e de olhos de um azul brilhante e arguto, declarou que Canudos era uma coletividade de anormais, conduzida por mente tresvariada. Lembrou artigo recentemente publicado em seu jornal, com assinatura do médico e antropólogo Raimundo Nina Rodrigues. (Fontes, 2002, 121)

Existe aí uma crítica ao exercício de formação de opinião, em que os homens-palavra tratam dos acontecimentos por vias indiretas. Um dos artigos é assinado por Nina Rodrigues que sancionava um comportamento conservador como paradigma da normalidade social, estendendo o conceito de loucura aos coletivos sociais e contribuindo para a classificação das sociedades em normais e anormais, e para o reconhecimento da diferença entre classes sociais dementes e mórbidas e classes sociais sadias. Nina Rodrigues que havia qualificado Antonio Conselheiro como louco, e o fenômeno Canudos como fruto da *degenerescência de mestiçagem e de classes inferiores*, ao analisar o crânio do profeta, após o massacre, o diagnostica como completamente normal.

Mesmo sem a presença de Euclides, *A 5ª Expedição* traz uma narrativa que sistematiza a trajetória da formação de uma opinião nacional, com a temática da campanha de mobilização de públicos para o massacre acompanhada da falta de conscientização política do povo se deixando levar por líderes construídos, o que não deixa de ser uma herança euclidiana.

A EMERGÊNCIA DA ARTE POPULAR

O agrupamento de entrelaçamentos produtivos da informação e da estética tem uma outra função primordial relativa ao quarto eixo simbólico destinado a fazer emergir a arte popular dos sertões que vivia até então em estado introspectivo. Canudos foi considerado um último quilombo, mas um

quilombo bastante mestiçado, contendo o conjunto dos sincretismos que formou a nação brasileira. Essa cultura mestiça, de um Brasil profundo, começou a ser revelada por Euclides da Cunha, que se espantou ao encontrar uma bagagem cultural tão *insulada* no interior das terras.

Encourados de novo, seguem para os sambas e cateretês ruidosos, os solteiros, famanazes no desafio, sobraçando os machetes, que vibram no choradinho ou baião... Nas choupanas em festa, recebem-se os convivas com estrepitosas salvas de ronqueiras... Despontam o dia com uns largos tragos de aguardente, a teimosa. E rompem estridulamente os sapateados vivos. (Cunha, *ibid.*, 126/7).

As lendas arrepiadoras do caapora travesso e maldoso, atravessando célere, montado em caititu arisco as chapadas desertas, nas noites misteriosas de luares claros; os sacis diabólicos, de barrete vermelho à cabeça.... de parceria com os lobisomens e mulas-sem-cabeça noctívagos...; as rezas dirigidas a São Campeiro... as benzeduras cabalísticas para curar os animais... todas as visualidades, todas as aparições fantásticas... (Cunha, *ibid.*, 134/5)

Da mesma forma que os negros hauçás, adaptando à liturgia todo o ritual iorubano, realizam o fato anômalo, mas vulgar mesmo na capital da Bahia, de seguirem para as solenidades da Igreja por ordem dos fetiches, os sertanejos, herdeiros infelizes de vícios seculares, saem das missas consagradas para os ágapes selvagens dos candomblés africanos ou poracês do tupi. (Cunha, *ibid.*, 137)

Toda essa cultura mestiça parece exercer um poderoso campo gravitacional de símbolos que marcam indelevelmente a memória do país. O autor recorre à história para mostrar a herança cultural dos portugueses, marcados por Alcácer-Quibir, influenciados por mouros e pelo Oriente, amedrontados pelos fogos inquisitoriais, e que vão incorporando, ao longo do povoamento, os modos de pensar animistas do índio e do africano. Os sertões são, assim, lugar simbólico de memória e de arte, como o disse Antonio Cândido a propósito de *Sagarana* (Pereira, 2001), o que gera um contrato estético fundamental para toda a arte que toma a luta do sertanejo como objeto. O professor Beebe observa igualmente certas zonas de cultura e memória:

É grande a colônia negra, tratada por Treze de maio, data que homenageia a libertação dos escravos... Os negros vivem na rua denominada dos Zumbis... Anima-os o zambê e a gunga, até altas horas, ao som do pífano, do atabaque, da puíta.

Respeitável e barulhento quisto são os indígenas Caimbés, Tuxás e Quiriris, originários das aldeias de Massacará, Mirandela, Rodelas, Natuba, Abaré e

Banzaê...Moram em tendas construídas de couros de bode e boi, lembrando, de longe, as tendas dos nossos peles-vermelhas...Os selvagens dançam e cantam, em roda, grande parte do dia, pintados para a guerra, armados de arcos, flechas, bestas, lanças, zarabatanas e tacapes. As índias trabalham na confecção de cestos, chapéus, esteiras de carnaúba, redes de caroá, cocás...

(Fontes, *ibid.*, 219 / 220)

O projeto estético do ciclo canudiano estabelece pontes e comunicações entre os registros distintos que têm formado a memória nacional e que participam das imagens plurais da identidade cultural brasileira. A intervenção do professor Beebee, sempre comparando essa cultura sertaneja com a dos peles-vermelhas da América do Norte, funciona como elemento mediador entre as particularidades regionais e valores universais. Nesse âmbito, este quarto eixo simbólico apresenta uma série signíca pronta a ativar os argumentos do arquimito do recomeço civilisatório, que pressupõem fundamentalmente que os continentes americanos têm a missão de oferecer ao mundo uma síntese de harmonia e solidariedade, advinda da diversidade cultural gerada pelo encontro de povos e culturas diferenciados.

E Oliver mostra que toda essa cultura se chama Brasil, exatamente como o havia feito Euclides da Cunha:

Agora , ao reviver esse momento, olhei as estantes onde se pode ler o nome de Euclides da Cunha nas capas dos grossos livros encadernados em couro. Neles, nas variantes de centenas de milhares de palavras, está tudo o que o escritor assinalou naquela hora com uma única palavra: Brasil.

(Márai, *ibid.*, 68).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sertanejo guerreiro de Canudos é um exemplo típico de mito histórico que migrou para a literatura, por meio do exercício de um jornalista que se tornou escritor de uma obra de fundação, eleita como pilar da cultura moderna brasileira. O conjunto das obras que compõem o ciclo literário canudiano materializa efetivamente quatro eixos simbólicos, abastecidos de uma pluralidade signíca, que abarcam um código de ações representativo dos embates nacionais, o código cultural do messianismo testemunhando a história do país, o código interdiscursivo nos diálogos com as novas tecnologias da informação para formação de uma opinião nacional e o código artístico-cultural proveniente da mestiçagem brasileira.

São vínculos produtivos suscetíveis de se aliar com problemáticas da história contemporânea. Já mostramos, em artigo anterior, como Chiavenato, por exemplo, articula sua narrativa às problemáticas modernas relativas ao drama do movimento sem-terra. Em *As meninas do Belo Monte*, a jaguncinha Josefa é estuprada e levada à prostituição, em 1897, época da guerra. Em 1988, um homem negro sem nome passa sua vida numa canoa sobre a cidade santa submersa no açude. Ele é a reencarnação de Josefa, e este elo sobrenatural representa a superposição de duas temporalidades que associam duas problemáticas correlatas, Canudos e os Sem-Terra, e o trabalho da comissão pastoral da terra.

O negro sem nome tem plena consciência, para a diegese e para o reconhecimento dos leitores, de que a reencarnação é continuidade histórica; de que o Bom Jesus revive na comissão pastoral da terra e de que essa guerra é um prolongamento daquela de que participou em 1897, ao lado de milhares de mortos que estão debaixo das águas. O professor Beebee, de *A 5ª Expedição*, se sente igualmente como uma reencarnação dos sertanejos, quando começa a refletir sobre a familiaridade que experimenta ao descobrir as paisagens e a cultura dos sertões.

Em outro trabalho, *Canudos e o Rei do Gado: ecos de intertextualidade*, já elaboramos os elos relacionais entre o movimento conselheirista e o movimento dos sem-terra, analisando o movimento na telenovela global e evocando inclusive *Vila Real* de João Ubaldo. Trata-se de uma memória comunicacional que mostra como Canudos entrou em choque com a colonização globalista da vida nacional, da mesma forma como o faz agora o movimento dos sem-terra, de tal forma que a saga de Conselheiro é reproduzida nos acampamentos como um dos maiores exemplos de uma luta de uma população oprimida pela conquista de um território e de um estilo de vida que lhe fornecesse uma autonomia de vida.

Nesse âmbito, temos que reconhecer que o *sertanejo de Canudos* constitui não apenas um mito histórico que passou a ter tratamento literário, mas sobretudo um mito literário que inaugurou uma poética histórica no Brasil e que possui a força de refletir a cultura brasileira, desde seus momentos iniciais, articulada a sua identidade americana. Por isso, esse mito literário não pode deixar de ser abordado no interior de um feixe de relações simbólicas e arquimíticas capazes de transparecer a complexidade da poética histórica da campanha de Canudos que também é uma poética da comunicação.

NOTAS

- ⁽¹⁾ *Cronotopos*, segundo a concepção de Mikhail Bakhtin (1970, 1984), aludem à importância temporal de um fato no texto o qual determina, por sua vez, a relevância desse texto na história. A Guerra de Canudos, por exemplo, condiciona a *cronotopicidade* de *Os Sertões* que, reciprocamente, traduz a importância do fato extratextual, em suas operações discursivas, através da História e da Ciência.
- ⁽²⁾ A obra é dividida em três partes relativas aos três pontos deterministas: O meio – A Terra, A raça – O Homem, e O momento – A luta.
- ⁽³⁾ Os *chouans* são os rebeldes da Vendéia que não aceitaram a República e desejavam o retorno da Monarquia francesa. Lembremos que Euclides da Cunha venceu o concurso do Estado de São Paulo para ser correspondente de guerra, com os dois artigos *Nossa Vendéia I* e *Nossa Vendéia II*.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhaïl. *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard, 1979, 1984 para a tradução francesa.
- BAKHTIN, Mikhaïl. *Problèmes de la poétique de Dostoievski*. Lausanne : Éditions l'Age d'Homme, 1929, 1970 (tradução francesa). (Há uma tradução brasileira: *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.)
- BOUCHARD, Gerard. *Un Dictionnaire des figures mythiques des Amériques est-il possible?* Comunicação apresentada no Colóquio *Dicionário de mitos literários americanos*, Universidade do Quebec. Montreal, maio de 2004.
- FONTES, Oleone. *Interview accordée à Manoel Neto et Roberto Dantas dans Os Intelectuais e Canudos: o discurso contemporâneo. História oral temática*. Salvador: Editora da Universidade do estado da Bahia, 2001.
- GÁRATE, Miriam V.. *Civilização e Barbárie n'Os sertões. Entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha*. Campinas, SP: Mercado de Letras, São Paulo: Fapesp, 2001.
- PEREIRA, Rubens A.. *Territórios extremos: contextos e contratos identitários em João Cabral e Graciliano Ramos*. Em: SOUZA, L.S., OLIVIERI-GODET, R. (orgs.) *Identidades e representações na cultura brasileira*. João Pessoa: Idéia, 2001, p. 61-82.
- SOUZA, L.S.. *Canudos e O rei do gado: ecos de intertextualidade*. *Revista Canudos*, v.2, n.2, 1997, p. 14-33.
- VERÓN, Eliseo. *A produção do sentido*. São Paulo: Cultrix, 1980.

Literatura e comunicação no ciclo canadiano

ZILLY, Berthold. *Um depoimento brasileiro para a História universal. Traduzibilidade e atualidade de Euclides da Cunha. Humboldt.*, ano 38, n. 72, 1996, p. 8-16

ROMANCES E NARRATIVAS:

CHIAVENATO, José Júlio. *As meninas de Belo Monte*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1993.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 21ª ed.. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

FONTES, Oleone Coelho. *A 5ª Expedição*. Ponto e Vírgula, 2002.

MÁRAI, Sándor. *Verdicto em Canudos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Tradução do húngaro de Paulo Schiller.

VEIGA, José J.. *A Casca da serpente*. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

ARTIGOS EM JORNAL:

SOUZA, Licia Soares de. *A influência centenária de uma fundação: Os sertões como a grande narrativa histórica do Brasil*. Em: *Revista da ANPOLL*, 16, São Paulo, jan/jun 2004, p. 147-182.

SOUZA, Licia S.. *Utopies américaines au Québec et au Brésil: essais de littérature comparée, Québec, Les Presses de l'Université Laval, 2004.*